

ARQUITETURA PÚBLICA EM GOIÂNIA: O CASO DOS TERMINAIS DE PASSAGEIROS DO EIXO ANHANGUERA (APOIO UNIP)

Aluna: Kelly Christina Corbellini Moreira

Orientadora: Profa. Nayda Rocha Siade

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Campus: Goiânia Flamboyant

A mobilidade urbana é primordial para funcionamento da cidade, dado que um lugar não pode ser utilizado ou ocupado a menos que esteja acessível. Pensando nisso, após a ocupação urbana se expandir nas décadas de 1960 e 1970, em Goiânia, ficariam inviáveis grandes deslocamentos territoriais utilizando somente veículos individuais. Nesse sentido, os terminais do eixo Anhanguera funcionam como pontos de encontros do transporte público modal, que, segundo a empresa Metrobus, fazem uma média de 300.000 viagens ao mês, atendendo pessoas de toda Região Metropolitana de Goiânia (RMG). Neles foram diagnosticados problemas referentes a questões de desempenho da arquitetura dos terminais, como interferência negativas de suas tipologias, saturação do espaço de ocupação pelos usuários, aparência de estarem estagnados no tempo e sem manutenções necessárias. Esses problemas acarretam um ambiente desfavorável socialmente, abrindo lugar para usos inapropriados como por vendedores ambulantes irregulares e aumento da insegurança. Como objetivo, este artigo verifica a maneira que os terminais do eixo Anhanguera se comportam em meio à cidade e como sua arquitetura vai interferir no espaço e na coletividade. Teve como base: utilização de informações geradas pelas empresas Rede Metropolitana de Transporte Coletivo (RMTTC) e Metrobus; pesquisas bibliográficas que apresentam estudos sobre o comportamento dos centros urbanos e mobilidade; observação da dinâmica que ocorre nos terminais. Este trabalho analisou a interferência que os terminais do eixo Anhanguera causam na Metrópole, seus habitantes e a paisagem urbana.